

É POSSÍVEL INOVAR O MANEJO DE FLORESTAS NATURAIS?

MARCO ANTÔNIO SIMIÃO*, OSVALDO CÂNCIO***, JORGE YARED****,
ADMIR RUSCHEL**, JOSÉ FRANCISCO PEREIRA** E SÍLVIO BRIENZA JR**
(*Grupo Arboris e CCP (Centro de Pesquisa do Paricá), ** Embrapa Amazônia
Oriental, *** Bolsista da Rede de Pesquisa Biomassa Florestal, **** Universidade
Federal Rural da Amazônia)

A inovação do modelo de manejo florestal é uma aspiração de diversos segmentos da comunidade científica e empresarial. Como uma iniciativa para aplicar os conceitos inovadores baseado no avanço do conhecimento nos últimos anos foi submetida uma proposta à Sema (Secretaria do Meio Ambiente) do Pará. Trata-se do projeto de pesquisa denominado SubBosque que conta com a parceria entre a Embrapa Amazônia Oriental, Ideflor (Instituto de Desenvolvimento Florestal), Sebrae, Grupo Arboris, Amade (Associação dos Moveleiros de Dom Eliseu), Mill Serras Ltda e CCP (Centro de Pesquisa do Paricá).

O manejo de floresta natural atualmente empregado na Amazônia tem sido realizado com base em avanços significativos em termos de planejamento e diminuição de impactos ambientais. Porém, tem sido evidenciado por pesquisas recentes, os riscos de sustentabilidade para algumas espécies considerando-se a intensidade de exploração e o ciclo de corte vigentes. Tais evidências apontam para uma provável não garantia da produção futura (em especial madeira), tanto em relação à existência de estoque futuro como à manutenção das populações viáveis das espécies manejadas. Isso tudo acontece porque a base do planejamento se dá em um número limitado de espécies cujos diâmetros de corte das árvores é superior a 50 cm (centímetros), sem levar em conta o estoque das espécies ditas não comerciais que ficam à margem do manejo.

“A proposta incorpora o conhecimento científico ao empresarial”



Imagem da floresta onde o experimento será implantado

eduardo@cpqrr.br

Uma fração significativa das florestas mantidas em pé, especialmente na borda leste do Estado do Pará, foi altamente antropizada no passado, após várias passadas de exploração. A composição florística remanescente tende a uma floresta secundária, com espécies residuais da floresta natural primária. Na Amazônia, a área estimada desse tipo de floresta chega a milhões de hectares que se encontram nessa condição, sendo a maioria áreas de domínio privado e na forma de reserva legal. Essas áreas de florestas merecem uma atenção especial e necessitam ser incorporadas ao processo produtivo, com manejo adequado para atingir os objetivos tanto do ponto de vista da produção quanto do papel de proteção e conservação ambiental. Como acontece hoje, pelas normas vigentes, em um regime de manejo com intensidade de corte de até 30 m³/ha (metros cúbicos por hectare) e ciclos de 30 anos, essas florestas estão fadadas ao desaparecimento. Explica-se: em geral, essas áreas são fragmentos de florestas rodeadas por outros sistemas alternativos de uso da terra, sendo susceptíveis a vários tipos de danos, inclusive fogo. Nesse sentido, a sobrevivência dessas áreas de florestas depende de um manejo mais intensivo para produção e em tempo mais curto, salvaguardando-se ainda as principais funções pela manutenção da cobertura vegetal.



Árvore de paricá do plantio de enriquecimento com 16 anos de idade



Medições das parcelas permanentes



Árvore remanescente de maçaranduba na área do experimento

A história do projeto SubBosque originou-se nas iniciativas entre empresários florestais da cidade de Dom Eliseu (PA) e pesquisadores da Embrapa Amazônia Oriental em 2005 quando as discussões levaram à criação de uma proposta que incorporasse o conhecimento científico e empresarial. Um precedente que proporcionou a aproximação do empresariado foi a criação do CPP em 2003. A utilização da embaúba nesse contexto de parceria resultou na obtenção de um prêmio pela sua utilização na produção de compensado no II Congresso Brasileiro de Industrialização da Madeira, em Curitiba (PR) em 2006.

O Projeto SubBosque submetido a apreciação da Sema-PA na forma de Plano de Manejo Florestal Sustentável está vinculado à rede de inovação da cadeia produtiva florestal madeireira para promoção do desenvolvimento sustentável do Estado do Pará – Rede Biomassa Florestal, apoiada pela Fapespa (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Pará).

“Aplicou-se o conhecimento de floresta balanceada com a colheita de indivíduos excedentes nas classes de diâmetro”

A pesquisa está sendo conduzida em uma floresta antropizada, característica da região do arco do desflorestamento da Amazônia, na Fazenda Shet, no município de Dom Eliseu, pertencente ao Grupo Arboris. Foi realizado um inventário florestal a 100% para as árvores a partir de 25 cm no DAP (Diâmetro a Altura do Peito). Aplicou-se o conhecimento de floresta balanceada com a colheita de indivíduos excedentes nas classes de diâmetro com superávit. Ajustou-se a frequência das classes de diâmetro segundo um coeficiente “q” de Liocourt, de modo a tornar sua estrutura diamétrica em “J invertido” (Figura 01). A ideia é manter-se uma floresta multiânea e diversificada, com o comportamento de distribuição de indivíduos em classes de diâmetro similar ao que é normalmente observado em florestas naturais. Outra característica relevante dessa proposta é seguir o ciclo e o diâmetro de corte adequados para cada grupo de espécies. Desse modo, será possível o aproveitamento da regeneração natural das espécies pioneiras, de crescimento mais rápido, de ciclo de vida mais curto e com elevada abundância de indivíduos, como, por exemplo, as embaúbas, e a realização de desbastes de árvores oriundas do plantio de enriquecimento de clareiras como é o caso de paricá, que já vem sendo utilizado na prática, nesse método silvicultural.